



# Identidade afro-hispânica e experiência migratória: um estudo comparativo entre *El metro*, de Donato Ndongo-Bidyogo, e *No hay país para negros*, de Oscar Kem-mekah Kadzue

Rogério Mendes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5296-7588>

E-mail: [roger.mendes1977@gmail.com](mailto:roger.mendes1977@gmail.com)

Murielly Karla Diniz de Medeiros Macedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8228-8658>

E-mail: [0123mury@gmail.com](mailto:0123mury@gmail.com)

## RESUMO

Esta pesquisa desenvolve um estudo comparativo entre os romances *El metro* (2007), de Donato Ndongo-Bidyogo, e *No hay país para negros* (2018), de Oscar Kem-mekah Kadzue, inseridos no corpus das denominadas “outras literaturas hispânicas”. O objetivo geral consiste em analisar o movimento migratório e compreender os impactos desse fenômeno na subjetividade do migrante, desde a travessia até a chegada ao destino, percurso frequentemente marcado por angústia e renúncias. A fundamentação teórica mobiliza autores como Hall (2006), Queiroz (2007) e Ndongo-Bidyogo (2015) para examinar a fragmentação identitária e os contextos geopolíticos sob a ótica pós-colonial. Metodologicamente, a investigação adota uma abordagem qualitativa, associando a análise literária comparada ao referencial teórico-crítico. Os resultados evidenciam que o colonialismo e o pós-colonialismo exercem influência preponderante nessas produções, destacando as especificidades das vozes africanas de língua espanhola, especialmente da Guiné Equatorial e de Camarões. As considerações finais reiteram a literatura afro-hispânica como um campo legítimo de resistência e compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Outras literaturas hispânicas; colonialismo; pós-colonialismo; migração.



## Afro-Hispanic Identity And Migratory Experience: A Comparative Study Between *El metro*, by Donato Ndongo-Bidyogo, and *No hay país para negros*, by Oscar Kem-mekah Kadzue

### ABSTRACT

This research develops a comparative study between the novels *El metro* (2007) by Donato Ndongo-Bidyogo, and *No hay país para negros* (2018) by Oscar Kem-mekah Kadzue, which are part of the corpus of the so-called "other Hispanic literatures". The general objective is to analyze the migratory movement and understand the impacts of this phenomenon on the migrant's subjectivity, from the crossing to the arrival at the destination — a journey frequently marked by anguish and renunciation. The theoretical framework mobilizes authors such as Hall (2006), Queiroz (2007), and Ndongo-Bidyogo (2015) to examine identity fragmentation and geopolitical contexts from a post-colonial perspective. Methodologically, the investigation adopts a qualitative approach, combining comparative literary analysis with the theoretical-critical framework. The results demonstrate that colonialism and post-colonialism exert a preponderant influence on these productions, highlighting the specificities of Spanish-speaking African voices, especially from Equatorial Guinea and Cameroon. The final considerations reiterate Afro-Hispanic literature as a legitimate field of resistance and understanding of contemporary social dynamics.

**KEYWORDS:** Other Hispanic literatures; colonialism; post-colonialism; migration.

Esta pesquisa fundamenta-se em um estudo comparativo entre as obras literárias *El metro* (2007), de Donato Ndongo-Bidyogo e *No hay país para negros* (2018), de Oscar Kem-mekah Kadzue. O artigo integra-se ao debate sobre as dinâmicas de poder pautadas no eurocentrismo, na subalternização cultural e nas desigualdades socioeconômicas globais. Aborda, ainda, o racismo, a xenofobia e a hierarquização dos cânones críticos, elementos intrinsecamente vinculados à marginalização deliberada de literaturas hispânicas periféricas. Nesse sentido, o trabalho propõe a desconstrução de paradigmas hegemônicos visando ampliar o acesso e o reconhecimento dessas produções no âmbito escolar, acadêmico e crítico-literário.

Observa-se que, no contexto geopolítico do século XXI, a África vem ganhando uma crescente pertinência nas literaturas hispano-africanas. Isso porque se estabelece hoje uma relação da migração com países do Norte Global e, mais especificamente, Europa. No caso do referido artigo, observa-se a construção de uma ética e estética no romance de língua espanhola contemporânea escrito por autores africanos migrantes, e, aqui, discutiremos as semelhanças e diferenças das óticas e vozes de autores da Guiné Equatorial e Camarões por meio das obras literárias *El metro* e *No hay país para negros*. A ideia central é observar as motivações e efeitos da migração como centralidade temática e poética e pensar sobre as diretrizes da sensibilidade literária na contemporaneidade, além de explorar vozes outras na hispanidade africana.

Constata-se um fluxo inverso após quatro séculos de colonização, somado às severas sequelas amadurecidas na modernidade, especialmente sob o sistema de escravidão, que impediram o desenvolvimento desses povos em seus territórios ancestrais. O racismo, consolidado por estigmas do período colonial, opera como um dispositivo de exclusão social e psicológica. Nesse contexto, o impulso de sobrevivência supera barreiras estruturais ou resistências racionais. A precariedade experienciada por Lambert e Júnior, tanto no deslocamento quanto na fixação do

destino, evidencia um processo de desumanização acentuado. Tais vivências, permeadas por violências físicas e simbólicas, configuram uma realidade complexa que transcende a análise puramente lógica e permanece, em larga escala, inacessível àqueles que não as vivenciam diretamente. Essa conjuntura reflete as múltiplas realidades do continente africano, conforme postula Queiroz (2007):

[...] a herança cultural dos povos bantos e o legado ibérico resultante da experiência colonial, essa África de língua castelhana reproduz, através de sua peculiar diversidade de expressões, o universo ainda mais amplo e complexo que caracteriza as múltiplas realidades do continente desde as etapas anteriores à colonização europeia até os tempos atuais. (Queiroz, 2007, p. 10).

A partir das reflexões de Ndongo-Bidyogo, torna-se evidente a persistência de uma barreira rígida que separa a cultura hispânica dita “legítima” das manifestações provenientes das ex-colônias. Trata-se de um modelo cultural fundamentado em uma hierarquização simbólica e tensionado entre centro e periferia. A percepção do sujeito tende a tornar invisível ou a silenciar a experiência de subalternização decorrente do legado colonial. O espaço da experiência é também o espaço narrativo das produções literárias. A intenção de Ndongo-Bidyogo é contestar essa lógica excludente, denunciando como as literaturas africanas em língua espanhola são ignoradas de maneira sistemática nos currículos e estudos acadêmicos, assim como nos circuitos editoriais. Segundo o autor:

Dessa herança histórica, o norte de Marrocos, o Saara Ocidental e a Guiné Equatorial adquiriram sua peculiaridade: como antigos ‘territórios espanhóis’, são parte integrante da vasta geografia linguística do idioma espanhol, e devem ser, por direito próprio, partícipes do mundo cultural hispânico, amplo e plural, ao qual aportam sua própria essência (Ndongo-Bidyogo, 2015, p. 13).<sup>1</sup>

Contudo, *El metro* e *No hay país para negros* superam tal delimitação, caracterizando-se como manifestações literárias fortemente identitárias, culturais e socialmente significativas, permeadas pela experiência migratória. Nessas narrativas, evidenciam-se diversos processos de exclusão, entre os quais se destacam a rejeição à língua falada, o julgamento baseado em estereótipos, as classificações e hierarquizações do ser humano, a ausência de empatia e de humanidade para com o outro e a dificuldade imposta para que o migrante possa estabelecer-se de forma fixa e legal no país. O conceito de “tradução” posto por Stuart Hall (2006) elucida a condição daqueles que atravessam fronteiras e se estabelecem em novos países. Para Hall, esse movimento não implica um apagamento identitário, mas sim um embate cultural em que as pessoas “são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades” (Hall, 2006, p. 88). Tal perspectiva implica que esses sujeitos deixam de possuir uma identidade única e fixa, uma vez que passam a internalizar, de forma involuntária, novos valores e códigos culturais. Nesse sentido, os indivíduos são

<sup>1</sup> No original: “De esa herencia histórica, el norte de Marruecos, Sáhara Occidental y Guinea Ecuatorial adquirieron su peculiaridad: como antiguos ‘territorios españoles’, son parte integrante de la vasta geografía lingüística del idioma español, y deben ser, por derecho propio, partícipes del mundo cultural hispánico, amplio y plural, al que aportan su propia esencia.” As traduções a partir do espanhol foram realizadas pela autora com suporte da ferramenta de inteligência artificial Gemini.

transformados pelo trânsito entre mundos distintos, processo que culmina em uma constante reconstrução e reinvenção de si mesmos.

É nítido que essas literaturas, em vez de representarem uma ameaça, assumem um caráter de denúncia, no sentido de evidenciar narrativas historicamente silenciadas e experiências sistematicamente marginalizadas. As obras de Ndong-Bidyogo e Kadzue evidenciam que as literaturas afro-hispânicas abordam questões fundamentais, cuja leitura, conhecimento e difusão são de grande relevância para a ampliação do repertório crítico e cultural da sociedade contemporânea. A perspectiva de Stuart Hall (2006) corrobora essa análise ao descrever como o fluxo migratório reconfigura os espaços de acolhida. Segundo o autor, a “formação de ‘enclaves’ étnicos minoritários no interior dos estados-nação do Ocidente levou a uma ‘pluralização’ de culturas nacionais e de identidades nacionais” (Hall, 2006, p. 83). Nesse contexto, as obras *El metro* e *No hay país para negros*, bem como outras produções afro-hispânicas, assumem um papel importante no campo da crítica literária contemporânea. Essas narrativas evidenciam a necessidade do reconhecimento de novas subjetividades e da heterogeneidade cultural, elementos frequentemente marginalizados, operando, fundamentalmente, na desconstrução das estruturas do pensamento colonial.

Portanto, o objetivo geral deste estudo é analisar o movimento migratório e compreender como esse fenômeno impacta a vida do sujeito que passa por esse processo, desde o momento da travessia até a chegada ao país de destino, caracterizando-se por sentimentos de angústia. O estudo mostra a busca pela compreensão do Outro, do ser migrante e de suas subjetividades. Isso porque o processo migratório constitui um espaço de relativização e seletividade da dignidade. É possível, no estudo, observar a ausência de empatia em relação ao outro migrante, além da perda de suas raízes e origens. Observa-se o racismo, a xenofobia e a hierarquização dos cânones críticos, elementos intrinsecamente vinculados à marginalização deliberada de literaturas hispânicas periféricas como mecanismo de defesa do eurocentrismo nas narrativas de Ndong-Bidyogo e Kadzue. Nessas trajetórias, tais fenômenos manifestam-se desde o preconceito linguístico à desumanização dos corpos africanos, transformando a travessia migratória em um percurso de renúncia e instabilidade que desafia a hegemonia cultural europeia.

Ao comparar os romances *El metro* e *No hay país para negros*, observa-se a força expressiva com que Ndong-Bidyogo e Kadzue retratam os conflitos vividos por sociedades profundamente marcadas pela herança colonial. Tais elementos manifestam-se na contemporaneidade por meio da estruturação do racismo e da xenofobia, os quais contribuem para o surgimento do preconceito linguístico e evidenciam a instabilidade nos sistemas políticos de países africanos. Ademais, observa-se uma acentuada desestruturação comunitária, na qual tradições religiosas ancestrais sofrem processos inautênticos, sendo frequentemente marginalizadas ou interpretadas como “intrusas” em face da hegemonia do catolicismo. Ao longo das narrativas, percebe-se que ambas as obras partem da necessidade de denunciar os efeitos duradouros do colonialismo nos territórios africanos e também nos contextos europeus, onde se intensificam os processos migratórios, evidenciando marcas profundas do racismo, da xenofobia, do preconceito linguístico e da desvalorização das tradições culturais e religiosas. Esses elementos são abordados a partir das trajetórias de Lambert Obama Ondo, protagonista de *El metro*, e Júnior, protagonista



de *No hay país para negros*, cujas experiências simbolizam a luta por identidade e pertencimento em meio à desintegração de valores e práticas ancestrais.

Lambert era um dos filhos de Guy Ondo Ebang e Dorothée Oyana e fazia parte de uma família numerosa, cujas tradições permaneciam vivas e muito presentes em sua comunidade originária. Sua jornada teve início em um vilarejo camaronês onde, desde cedo, experimentou as tensões entre a herança cultural e a fragmentação imposta pelo processo de colonização. O percurso migratório de Lambert rumo à Europa foi atravessado por experiências de extrema fragilidade humana, marcadas pela escassez de alimentos, ausência de abrigo, deslocamentos em embarcações precárias e superlotadas, além da constante proximidade com a morte. O sofrimento do outro afeta profundamente Lambert, como se observa em uma das passagens em que a mãe e a criança perdem a vida durante uma tempestade, acontecimento que o leva a refletir de maneira dolorosa sobre a legitimidade de sua escolha migratória.

Ao alcançar o continente europeu, Lambert depara-se com um ambiente hostil e profundamente opressivo. A expectativa de liberdade e ascensão social dissolve-se rapidamente diante de uma realidade estruturada pelo racismo, pela xenofobia, pela exploração econômica e por práticas sistemáticas de desumanização. Para sobreviver, o personagem vê-se compelido a ocultar sua identidade, assumir outra nacionalidade e silenciar seus referenciais culturais como estratégia para evitar a deportação: “Ndiaye havia lhe confidenciado que não lhes convinha confessar sua verdadeira nacionalidade [...]” (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 269).<sup>2</sup> Ainda assim, mesmo diante de sucessivas experiências de violência simbólica e material, Lambert preserva o desejo de reencontrar seus familiares, restaurar sua dignidade e superar as adversidades impostas pela condição migrante. Nesse contexto, a resistência emerge como uma prática vital de afirmação da existência: “Era necessário resistir. Sim. Resistiria para ser e sentir-se pessoa [...]” (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 341).<sup>3</sup>

Assim como na obra *El metro*, também há, no livro *No hay país para negros*, uma fase marcada pela experiência migratória. Júnior era um dos filhos de Kadzue e Meli Odete. Além dele, havia também suas irmãs gêmeas, que foram fundamentais nas decisões de Júnior para seu futuro. Essa família pertencia a uma comunidade denominada Bamileké, na qual seu pai tinha grande relevância para aqueles que moravam ali. Não se tratava de uma família de valores modestos, de baixa renda ou desconhecida entre os demais membros da comunidade; eles davam valor ao que a terra lhes oferecia e ao que lhes era confiado, mantinham vivas as tradições familiares e a cultura daquela comunidade, mas havia algo que os diferenciava: o diálogo, a crença em dias melhores e a força de vontade em fazer diferente, de não querer o mínimo para seus filhos e de enfrentar os obstáculos que surgiam em seu caminho ao longo de um processo migrante que não legitimava suas cosmogonias e cosmovisões originárias e que fundamentavam parâmetros éticos. Trata-se de um enredo cujo dilema da narrativa pressupõe ser impossível um humanismo desprovido de suas várias humanidades.

<sup>2</sup> No original: “Ndiaye le había confiado que no les convenía confesar su verdadera nacionalidad [...]”

<sup>3</sup> No original: “Era necesario resistir. Sí. Resistiría para ser y sentirse persona [...]”

A obra *Emigración y ética: Humanizar y deshumanizar* (2011), de autoria de Gabriel Bello Reguera, examina a complexidade do fenômeno migratório sob uma perspectiva interdisciplinar que transcende o vocabulário cotidiano. Embora a análise mobilize conceitos presentes em seções como “Ética y emigración” e “Ciudadanía, universalismo y alteridad”, este estudo privilegia o capítulo “Alteridad, ética y vulnerabilidad migratoria”. Nele, Reguera (2011) articula uma crítica contundente à dimensão desumanizadora das fronteiras, permitindo correlacionar as visões do teórico às do sujeito ficcional. Tal incursão exige do pesquisador não apenas rigor analítico, mas um robustecimento teórico capaz de interpretar os questionamentos éticos impostos pelos países de acolhida. Um dos conceitos fundamentais e constantes nessas seções é a *alteridad*. Ao articular tal palavra às obras de Donato Ndongo-Bidyogo e de Oscar Kem-mekah Kadzue, nota-se que ambos os autores utilizam a literatura como instrumento de pertença e afirmação da língua nativa herdada da colonização: o espanhol — por ser, depois do inglês, a língua de maior alcance e compreensão. Contudo, a exclusão persiste devido ao desconhecimento e desinteresse das letras hispânicas, frequentemente, ligados ao negligenciamento de revisões da crítica e da historiografia e transculturalidade, na qual a fusão de elementos linguísticos e culturais reuniria novas identidades e valores. As reflexões de Reguera sobre a desumanização encontram eco imediato nas obras *El metro* e *No hay país para negros*. No corpus desta pesquisa, os autores narram trajetórias migratórias marcadas por violações à dignidade dos protagonistas Lambert e Júnior. Em *El metro*, a precariedade é ilustrada pela privação alimentar: “Para economizar o pouco dinheiro que tinha, havia matado a fome com bananas e mamões meio podres que encontrou revirando os dejetos amontoados em enferrujados galões de latão” (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 138).<sup>4</sup> De forma análoga, Júnior, em *No hay país para negros*, enfrenta a hostilidade no acolhimento e instabilidade habitacional:

[...] a idosa foi ao quarto de Júnior e lhe jogou na cara uma infinidade de restrições: “não suje a parede, não quebre nada, não traga seus amigos para dormirem aqui, o quarto é só para você, etc.”. Antes de ir embora, disse ao rapaz que estava há mais anos no apartamento que ia pensar se Júnior ficaria ou não (Kadzue, 2018, p. 105).<sup>5</sup>

A análise dessas passagens evidencia a seriedade inerente ao processo migratório, cujas circunstâncias despertam profundos sentimentos de angústia e desolação. Tal cenário suscita uma reflexão crítica sobre a escassez de solidariedade e de acolhimento ao outro. Reguera (2011) reforça que o deslocamento humano é, via de regra, motivado pela busca por dignidade, segurança e estabilidade socioeconômica. No entanto, essa partida raramente é voluntária no sentido pleno; o sujeito é frequentemente compelido ao êxodo por fatores estruturais, como conflitos armados de ordem civil, religiosa ou política, perseguições ideológicas ou um cenário de miséria absoluta. Conforme Reguera (2011), o processo migratório fundamenta-se na expectativa de

<sup>4</sup> No original: “Para ahorrar el poco dinero que tenía, había calmado el hambre a bananas y papayas medio podridas que encontró hurgando en los desperdicios amontonados en herrumbrosos bidones de latón.”

<sup>5</sup> No original: “[...] la anciana fue a la habitación de Júnior y le espetó un sinfín de restricciones: ‘no ensucies la pared, no rompas nada, no traigas a tus amigos para que duerman aquí, la habitación solo es para ti, etc.’. Antes de irse, le dijo al chico que llevaba más años en el piso, que se lo iba a pensar si se quedaba Júnior o no.”



pertencimento, acolhimento e alteridade. Todavia, a realidade experienciada pelos protagonistas de *El metro* e *No hay país para negros* revela o reverso dessa aspiração. Lambert e Júnior enfrentam episódios de profunda degradação humana que ilustram a falência dessas expectativas. Em *El metro*, a violência atinge seu ápice na agressão fatal orquestrada por um grupo extremista:

E aconteceu em poucos segundos: sentiu seus dedos como garras puxando-o para trás com ferocidade, e ouviu suas palavras, apenas um sussurro a três vozes: nunca mais você vai foder com brancas, macaco nojento, negro desgraçado (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 340).<sup>6</sup>

De forma associada, Júnior enfrenta barreiras igualmente segregacionistas, embora manifestadas de forma institucional. Ao concluir seus estudos e buscar inserção profissional, o protagonista de *No hay país para negros* é confrontado por uma legislação para estrangeiros punitiva e inflexível. A norma jurídica atua como um mecanismo de exclusão, impondo metas burocráticas inalcançáveis: “A lei de imigração os tornava invisíveis, os excluía, os matava. Lutar para sobreviver era um crime” (Kadzue, 2018, p. 136).<sup>7</sup> Nesse contexto, a “morte” mencionada por Júnior assume um caráter metafórico e existencial: trata-se de uma morte civil. A invisibilidade jurídica e o racismo institucionalizado impossibilitam a regularização de sua permanência, evidenciando que, para o imigrante negro, o cumprimento da lei é atravessado por obstáculos deliberadamente invencíveis.

A *identidade cultural na pós-modernidade* (2006), de Stuart Hall, apresenta uma análise detalhada da vida contemporânea em interface com preceitos históricos. Na obra, Hall aborda a constituição do indivíduo em sociedade, elucidando fatores que influenciam a formação do sujeito. O autor fundamenta sua tese em estudos de teóricos renomados em áreas como a psicanálise, a linguística, a sociologia, a exemplo de Freud, Lacan, Saussure e Foucault. Nesse sentido, ao tratar da contribuição lacaniana, Hall (2006) destaca que:

A formação do eu no “olhar” do Outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma e é, assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica — incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual (Hall, 2006, p. 37-38).

A obra de Hall integra a presente pesquisa como base teórica para a discussão sobre o indivíduo em construção e a sua identidade, especificamente no que tange aos dilemas de pertencimento, o contraste entre o suporte familiar e o emocional, a crise de alteridade e a tensão entre o passado e inserção de novos valores vivenciados pelos protagonistas Júnior e Lambert durante o percurso migratório. As convergências entre as obras de Ndongo-Bidyogo e de Kadzue, acentuadas pela leitura de Hall (2006), suscitam os seguintes questionamentos: houve uma crise de identidade durante o processo migratório dos protagonistas? Em que ela consiste e quais são seus desdobramentos? Ademais, busca-se identificar se a desconstrução identitária, a alteração de valores ou a formação de um novo sujeito tornam-se perceptíveis ao longo das narrativas. Para

<sup>6</sup> No original: “Y sucedió en pocos segundos: sintió sus dedos como garras tirar de él hacia atrás con fiereza, y oyó sus palabras, apenas un susurro a tres voces: nunca más follarás con blancas, mono asqueroso, negro cabrón.”

<sup>7</sup> No original: “La ley de extranjería los hacía invisibles, los excluía, los mataba. Luchar para sobrevivir era un delito.”

tanto, este estudo adota o parâmetro metodológico de Stuart Hall, fundamentando-se nas quatro questões norteadoras propostas pelo autor sobre a identidade na sociedade pós-moderna.

Stuart Hall estabelece três concepções de identidade para explicar o sujeito na sociedade: o sujeito do iluminismo, caracterizado como um ser centrado e dotado de razão, que mantém posicionamentos fixos; o sujeito sociológico, cuja definição remete a um ser formado a partir da relação com o outro, capaz de se adaptar a novas configurações culturais por meio do equilíbrio entre seu interior e o meio exterior, e, por fim, o sujeito pós-moderno. De acordo com a teoria de Hall, este último encontra-se em constante construção, carecendo de uma identidade física, social ou intelectual integrada. Sobre esse fenômeno, o autor ainda afirma que “Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados” (Hall, 2006, p. 9). Isso se relaciona a um sujeito que evolui continuamente, moldado por suas vivências e experiências em um processo de transformação ininterrupta. A partir dessas três concepções de identidade, é possível identificar o perfil em que se enquadram Lambert e Júnior. Ambos vivenciam uma identidade da modernidade tardia em transição para a pós-modernidade, caracterizando-se como sujeitos desestruturados pelo processo de colonização. Nesse contexto, enfrentam cotidianamente o racismo, a xenofobia e o preconceito, elementos estruturantes da sociedade. Esse sujeito em desconstrução busca, de forma contínua, a elaboração de uma nova identidade, permeada por expectativas de ascensão e crescimento tanto individual quanto coletivo.

A obra de Hall (2006) também aborda a constituição do sujeito a partir de sua formalização na sociedade, referenciando influências de ordem política, social, econômica e religiosa. Essa questão também aparece em *El metro* e *No hay país para negros*. Lambert, desiludido pelas tradições e questões religiosas do povo *Fang* (Guiné Equatorial), por exemplo, abdica de suas origens em busca de independência econômica e social; contudo, depara-se com um país hostil, carente de empatia e de solidariedade. Essa ruptura sofrida por Lambert é acompanhada por angústia e sofrimento, pois o personagem lamenta a desintegração familiar: “Sem raízes, o natural era que o tronco, os ramos e as folhas se secassem e a árvore não desse frutos” (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 154).<sup>8</sup> Diante das experiências de Lambert e Júnior, observa-se a necessidade de uma reinvenção para a adaptação ao novo meio. Tal processo exigiu a renúncia a aspectos da subjetividade e do bem-estar pessoal em prol da ocupação de um lugar socialmente designado como “devido” pelo outro, fenômeno que Stuart Hall (2006) elucida com clareza.

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tomando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocuparmos no mundo social e cultural (Hall, 2006, p. 11-12).

Hall também discute as identidades nacionais, denominadas “comunidades imaginárias”, por serem percebidas como fontes de estabilidade para o indivíduo que migra. Tais comunidades são frequentemente impactadas pela globalização, visto que a ideia de uma cultura única, povo ou

<sup>8</sup> No original: “sin raíces, lo natural era que el tronco, las ramas y las hojas se secasen y el árbol no diera frutos.”

tradição homogênea é confrontada pela pluralidade cultural trazida pelas migrações, como bem o menciona o autor: “Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por ‘uma pluralidade de centros de poder’” (Hall, 2006, p. 16). Consequentemente, para os grupos nativos, torna-se complexo aceitar o outro, o que muitas vezes impede o acolhimento empático. Essa resistência manifesta-se por meio do preconceito linguístico, do racismo e da ausência de respeito, gerando uma lacuna de compreensão sobre a trajetória histórica do migrante e os motivos que o levaram a abdicar de suas raízes em busca de um novo contexto.

Ao considerar o efeito da mímica sobre o Outro, postulado a partir da perspectiva do colonizador, é fundamental destacar que tal conceito não se reduz a uma reprodução fiel. Homi Bhabha ressalta que “A ambivalência em que se baseia esta estratégia é discernível, por exemplo, no Segundo Tratado de Locke que se divide para revelar as limitações da liberdade em seu uso duplo da palavra ‘escravo’ [...]” (Bhabha, 1998, p. 130). Isso ocorre porque não se podem distorcer as imagens, o passado vivido ou as atrocidades legadas pela colonização: a estruturação do racismo, da xenofobia e dos estereótipos sociais não é apagada por uma encenação de “novos” valores. Tais elementos impossibilitam o esquecimento de que, historicamente, o Outro foi tratado como “propriedade” destituída de consentimento. Questiona-se: o colonizador assumiria a troca de papéis com facilidade? Estaria disposto a internalizar novas instruções, valores, crenças ou culturas para ser aceito em um espaço outrora apropriado em busca de riquezas, poder e expansão territorial? Trata-se de uma reflexão necessária para o nosso cotidiano contemporâneo, visto que o fenômeno, embora histórico, permanece tragicamente atual.

A partir da hipótese, recorre-se ao pensamento de Homi Bhabha e sua referência a Lacan, ao postular que a mímica não constitui uma harmonização com o plano de fundo, mas uma forma de tornar-se “mosqueado” contra um fundo já “mosqueado”: “Como lembra Lacan, a mímica é, como a camuflagem, não uma harmonização ou repressão da diferença, mas uma forma de semelhança que difere da presença e a defende, expondo-a em parte, metonimicamente” (Bhabha, 1998, p. 135-136). Diante do exposto, é preciso reiterar a impossibilidade de o colonizador tornar-se idêntico ao colonizado, uma vez que a constituição de um “igual” perfeito revolucionaria o propósito da mímica. Permanece uma distinção hierárquica na qual o colonizador ocupa uma posição de superioridade em relação ao sujeito historicamente escravizado. Caso houvesse essa equivalência, o próprio sistema colonial se dissolveria. Por esse motivo, o discurso da ambivalência é específico ao processo da mímica, pois a produção do “(quase o mesmo, mas não exatamente) não apenas ‘rompe’ o discurso, mas se transforma em uma incerteza que fixa a sujeito colonial como uma presença ‘parcial’” (Bhabha, 1998, p. 131).

A obra *No hay país para negros*, de Kadzue, estrutura-se em torno da vivência migratória. Contudo, um aspecto distintivo entre os textos refere-se à natureza do deslocamento, especificamente quanto à saída do seu país de origem e à entrada no país de destino. Diferentemente de Lambert, cujos ressentimentos decorriam do núcleo familiar e comunitário, Júnior vivencia um momento de profunda decepção, desilusão e ressentimento em face de seu próprio país de origem. A dor da perda, aliada à percepção de que as normas culturais eram manipuladas de forma autoritária e incoerente, impediu Lambert de questionar abertamente os princípios de sua sociedade: “E o que se podia esperar de um mundo em decomposição [...]?”

(Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 131).<sup>9</sup> O fragmento evidencia sua desilusão perante a fragmentação dos valores comunitários e a decadência moral de sua aldeia.

De modo análogo, embora em contexto distinto, a narrativa de *No hay país para negros* apresenta um cenário de profunda instabilidade sociopolítica que impacta a trajetória do protagonista. Depreende-se dos trechos analisados que não apenas Júnior, mas a população em geral, encontrava-se exaurida diante da barbárie e da ausência de medidas institucionais efetivas. Contudo, a expectativa de mudança mostrou-se breve e frágil. A reeleição do então presidente, sob suspeitas de fraude, deflagrou revoltas populares e a subsequente prisão de manifestantes, incluindo o próprio Júnior. Os manifestantes clamavam: “— Não toque na minha constituição! / — Não toque no meu voto! / — 28 anos de corrupção, 28 anos de desemprego juvenil, 28 anos de privatização de bens nacionais, BASTA JÁ!” (Kadzue, 2018, p. 68).<sup>10</sup>

É visível a semelhança entre os dois romances sobre o processo migratório. Em ambos há a motivação da migração pela falência, insuficiência, inoperância ou decepções, sejam elas afetiva, financeira, política ou econômica. Para os protagonistas Lambert e Júnior, os motivos de deslocamento eram claros: a busca por renovação, o anseio por autonomia e a necessidade de reescrever as próprias trajetórias em novos horizontes por sobrevivência. Lambert, antes de partir, sintetiza “Era preciso renascer para reviver” (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 132).<sup>11</sup> Diante desse fato, o personagem inicia um processo migratório marcado pela precariedade, almejando alcançar o país de destino após enfrentar severas adversidades.

O artigo de Ténon Koné, intitulado “El barco como cronotopo en El metro de Donato Ndongo-Bidyogo” (2015), mostra-se pertinente ao destacar que o centro das narrativas reside nos aspectos migratórios: a renúncia do migrante, o enfrentamento de sociedades estruturadas pelo racismo e a xenofobia manifestada no preconceito linguístico. O autor estabelece relações significativas entre o passado colonial africano, marcado pela escravização, e o presente migratório, articulando-os por meio do conceito de cronotopo, a indivisibilidade entre tempo e espaço como elementos estruturantes das narrativas. Nas obras analisadas, esse cronotopo materializa-se prioritariamente na figura do barco e na travessia dos imigrantes em direção à Europa. Em *El metro*, tais elementos simbolizam tanto o deslocamento físico quanto uma continuidade de desumanização histórica. A travessia é pautada por sofrimento e tragédia, evidenciados pelas “[...] quantidades cada dia mais exorbitantes que pagavam para subir nas pateras, o incalculável número de pessoas sepultadas no deserto, afogadas no mar ou asfixiadas nos caminhões [...]” (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 309).<sup>12</sup> Diante do risco iminente, o protagonista Lambert reflete sobre o fluxo contínuo e desesperado da emigração africana, questionando as consequências desse êxodo para o futuro do continente “O que estava acontecendo? O que seria da África dentro de alguns anos?” (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 309).<sup>13</sup> Entretanto, duas jovens que seguiram pelo

<sup>9</sup> No original: “¿Y qué podía esperar de un mundo en descomposición [...]?”

<sup>10</sup> No original: “—¡No toques a mi constitución! —¡No toques mi voto! — 28 años de corrupción, 28 años de paro juvenil, 28 años de privatización de bienes nacionales, ¡BASTA YA!”

<sup>11</sup> No original: “Era preciso renacer para revivir.”

<sup>12</sup> No original: “cantidades cada día más exorbitantes que pagaban por subir a las pateras, el incalculable número de personas sepultadas en el desierto, ahogadas en el mar o asfixiadas en los camiones.”

<sup>13</sup> No original: “¿Qué estaba pasando? ¿Qué sería de África dentro de unos años?”

mesmo processo não tiveram a mesma sorte, sendo vítimas de tráfico sexual. Uma delas teve êxito em alertar Júnior sobre a artimanha sofrida:

A moça lhe contou que, assim que chegaram à Europa, foram recebidas muito amavelmente por uns senhores brancos no aeroporto, em nome do senhor Ancien Mbenguiste [...]. Depois, esses senhores as levaram de carro para um vilarejo perdido do qual nem sequer sabiam o nome, tiraram-lhes tudo o que tinham, [...] e as trancaram em um quarto de uma mansão, onde também havia um par de moças na mesma situação que elas. E que desde então estavam sendo maltratadas e prostituídas (Kadzue, 2018, p. 94-95).<sup>14</sup>

Os percursos narrados por Donato Ndongo-Bidyogo e Oscar Kem-mekah Kadzue remetem, conforme a análise de Koné, às viagens forçadas dos africanos durante o período escravocrata, quando eram mercantilizados como mão de obra para as Américas. Ndongo-Bidyogo (2007, p. 222) ilustra essa analogia ao descrever que o protagonista, embora sem correntes físicas, “[...] experimentava as mesmas sensações que os escravos naqueles navios negreiros de um tempo anterior”.<sup>15</sup> Assim, as condições desumanas das embarcações contemporâneas, superlotadas, insalubres e marcadas pela fome, sede e morte, ecoam simbolicamente o trauma histórico do tráfico de pessoas escravizadas. De forma análoga, Júnior vivencia o mesmo estado de vulnerabilidade, sente-se enganado e injustiçado, percebendo que, apesar de ter seguido um trâmite legal, foi compelido a uma situação de opressão: “Estava como que submerso em um mar de perplexidade. Olhava ao seu redor e só via um vasto horizonte de desilusão. Estava mais do que desiludido. Sentou-se no chão” (Kadzue, 2018, p. 95).<sup>16</sup> Conclui-se que a negação da humanidade, originada na lógica colonial, persiste sob novas configurações. A migração pressionada por privações econômicas, políticas ou sociais é apresentada, portanto, como uma continuidade histórica dos mecanismos de exclusão.

Ademais, as narrativas de *El metro* e de *No hay país para negros* revelam que, em pleno século XXI, sujeitos africanos persistem na luta pela afirmação da sua humanidade em contextos que sistematicamente a negam. A literatura de Ndongo-Bidyogo e Kadzue, portanto, não apenas denuncia tais injustiças, mas atua como instrumento de resistência e de construção identitária frente às continuidades coloniais que operam na contemporaneidade. Ndongo-Bidyogo explicita as desigualdades, discriminações e o racismo enfrentados pelos migrantes africanos em território europeu, por exemplo, quando o narrador questiona: “[...] para uniformizar na cultura dominante: [...] E por que toda a Humanidade devia parecer-se com os europeus? [...] E podiam, na realidade, queixar-se sequer diante do racismo e da exploração?” (Ndongo-Bidyogo,

<sup>14</sup> No original: “La chica le contó, que en cuanto llegaron a Europa, les recibieron muy amablemente unos señores blancos en el aeropuerto, en nombre del señor Ancien Mbenguiste [...]. Luego, esos señores las llevaron en coche a un pueblo perdido del que ni siquiera conocían el nombre, les quitaron todo lo que tenían, [...] y las encerraron en una habitación de una mansión, donde también había un par de chicas en la misma situación que ellas. Y que desde entonces estaban siendo maltratadas y prostituídas.”

<sup>15</sup> No original: “[...] pero experimentaba las mismas sensaciones que los esclavos en aquellos barcos negreros de un tiempo anterior.”

<sup>16</sup> No original: “Estaba como sumergido en un mar de perplejidad. Miraba alrededor de él y solo veía un vasto horizonte de desilusión. Estaba más que desilusionado. Se sentó en el suelo.”

2007, p. 305).<sup>17</sup> Nesse mesmo sentido, Kadzue utiliza o protagonista Júnior para promover uma reflexão análoga à supracitada, reafirmando o caráter sistemático dessas exclusões,

Júnior ficou sem palavras, [...] Mal chegou ao país, ao continente, onde pensava que reinavam os direitos humanos, acabava de experimentar a primeira, e esperava que a única, experiência de racismo da sua vida. Impactou-o muito. Antes de cruzar as fronteiras europeias, pensava que o racismo já era história (Kadzue, 2018, p. 105-106).<sup>18</sup>

Nesse sentido, os romances *El metro* e *No hay país para negros* configuram-se como vozes africanas significativas, historicamente silenciadas no interior da hispanidade. Os protagonistas, ao vivenciarem o exílio na Europa, encarnam a aflição identitária e o sentimento de desenraizamento que perpassam as narrativas. Suas trajetórias ilustram, com sensibilidade e rigor crítico, as violências simbólicas e estruturais impostas aos migrantes africanos, que não encontram acolhimento em suas terras de origem, tampouco nos países de destino. Ao problematizar o espaço europeu como um horizonte de incertezas e ao relatar as expectativas frustradas dos migrantes africanos, Ndongo-Bidyogo comenta que:

Todos confiavam que na Europa encontrariam o remédio para todos os males, a segurança e a felicidade. Mas chamava a atenção que nenhum pensasse em estabelecer-se naquelas terras sonhadas: emigravam apenas pelo tempo necessário para depois estabelecer-se no próprio país [...] (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 147).<sup>19</sup>

Assim como a abordagem de Ndongo-Bidyogo, Kadzue utiliza sua obra para enfatizar a escassez de receptividade e de empatia direcionadas ao migrante. O autor evidencia a ausência de acolhimento e, fundamentalmente, denuncia o racismo, o preconceito linguístico e o desrespeito institucional e social impostos ao sujeito africano em território estrangeiro,

Para a grande parte dos brancos catalães, [...] os negros eram todos imigrantes, pessoas que vieram para a Espanha em pateras, uns sem papéis, as moças umas prostitutas e os rapazes uns top manta e mão de obra barata [...] Mas quando algum catalão chegava a conhecer de verdade uma pessoa negra, alcançava essas típicas conclusões de pessoa inculta: ‘nossa, um negro com estudos’, ‘nem todos os negros são imigrantes’, ‘também há espanhóis negros’, [...] ‘muitos negros têm mais estudos que a média espanhola’, ‘porra, não sabia que mulato era uma palavra racista’, etc.” (Kadzue, 2018, p. 140).<sup>20</sup>

<sup>17</sup> No original: “[...] para uniformizar en la cultura dominante: [...] ¿Y por qué toda la Humanidad debía parecerse a los europeos? [...] ¿Y podían en realidad quejarse siquiera ante el racismo y la explotación?”

<sup>18</sup> No original: “Júnior se quedó sin palabras, [...] Apenas llegar al país, al continente, donde pensaba que reinaban los derechos humanos, acaba de experimentar la primera, y esperaba que la única, experiencia de racismo de su vida. Le impactó mucho. Antes de cruzar las fronteras europeas, pensaba que el racismo ya era historia.”

<sup>19</sup> No original: “Todos confiaban en que en Europa encontrarían el remedio de todos los males, la seguridad y la felicidad. Pero llamaba la atención que ninguno pensara establecerse en aquellas tierras soñadas: emigraban sólo por el tiempo necesario para luego situarse en el propio país [...]”

<sup>20</sup> No original: “Para la gran parte de los blancos catalanes, [...] los negros eran todos inmigrantes, personas que vinieron a España en pateras, unos sin papeles, las chicas unas prostitutas y los chicos unos tops manta y mano de obra barata [...] Pero cuando algún catalán llegaba a conocer de verdad a una persona negra, alcanzaba esas típicas conclusiones de persona inculta: ‘vaya, un negro con estudios’, ‘no todos los negros son inmigrantes’, ‘también hay españoles negros’, [...] ‘muchos negros tienen más estudios que la media española’, ‘joder, no sabía que mulato era una palabra racista’, etc.”



O desconhecimento fomenta a incerteza, a ignorância e a soberba naqueles que reproduzem tais condutas. Conforme observado na passagem anterior, Júnior demonstrava abertura para compartilhar saberes acerca de sua identidade e de seu país de origem, território em que, em comparação ao contexto europeu, revela-se consideravelmente mais acolhedor e respeitoso para com o estrangeiro. Contudo, o protagonista vê-se surpreendido e impactado pela densidade da desinformação e do preconceito que se manifestam diante de si.

Dessa forma, os romances não apresentam a migração como um deslocamento associado à liberdade plena, ao refúgio seguro ou a um espaço efetivamente acolhedor. Ao contrário, ainda que revelem as aspirações de Lambert e de Júnior por uma vida digna, por oportunidades de trabalho e pela sobrevivência diante das crises socioeconômicas e/ou sociopolíticas em seus países de origem, as narrativas constroem a experiência migratória como uma travessia marcada pela dor, pela instabilidade e pela exclusão. Tal percurso evidencia a continuidade das desigualdades estruturais e a marginalização sistemática de sujeitos historicamente silenciados. A imagem de um Ocidente receptivo e promissor é progressivamente desconstruída, conduzindo o leitor a uma reflexão crítica acerca do papel da Europa na manutenção de lógicas coloniais e sobre o lugar destinado aos corpos africanos em um mundo que insiste em torná-los invisíveis.

Ao concluir a leitura de *El metro* e de *No hay país para negros*, bem como as análises propostas, instaura-se uma persistente sensação de inquietação. Torna-se imperativo questionar: até que ponto a Europa configura-se, de fato, como um espaço de liberdade? Liberdade para quem? Em que medida as promessas de igualdade, justiça e respeito à dignidade humana materializam-se na experiência concreta dos sujeitos migrantes? Tais questionamentos emergem de forma inevitável das trajetórias de Lambert e Júnior, compelindo o leitor a confrontar o lado obscuro dos discursos de acolhimento e integração. As obras, portanto, não se limitam à denúncia do legado colonial, elas incitam uma reflexão contundente sobre a permanência das desigualdades herdadas e convocam à problematização crítica acerca do lugar do sujeito africano na contemporaneidade.

Deste modo, observa-se que a literatura reflete e denuncia experiências vivenciadas cotidianamente por pessoas negras na sociedade contemporânea, que vão desde os olhares de desconfiança e os atendimentos hostis em espaços públicos e comerciais até a exclusão no mercado de trabalho, como visto nas obras analisadas de Ndongo-Bidyogo e Kadzue. Ressalta-se que, mesmo quando inseridos no ambiente laboral, esses sujeitos são frequentemente restritos a funções subalternizadas. Somando-se a esse cenário, é possível notar a carência de políticas educacionais que promovam a equidade racial e o combate efetivo ao racismo, sobretudo no ambiente escolar. Nesse sentido, a análise empreendida permite uma convergência entre a ficção e a realidade, revelando como as narrativas de Ndongo-Bidyogo e Kadzue operam como um instrumento contundente de denúncia e resistência.

Em estreita relação com as evidências discutidas ao longo desta pesquisa, destaca-se o denso compromisso ético e estético de Donato Ndongo-Bidyogo e Oscar Kem-mekah Kadzue com suas ancestralidades e com as dinâmicas sociais do continente africano. O panorama delineado por meio deste aporte teórico e crítico reitera a potência de tais narrativas como meios de resis-

tência e de denúncia contra as variadas opressões estruturais que atingem migrantes africanos, com particular enfoque nos contextos da Guiné Equatorial e Camarões.

As produções de Ndongo-Bidyogo e Kadzue manifestam um vínculo inseparável com suas raízes, expressando-se por meio da valorização das tradições orais das comunidades *Fang* e *Bamileké*. Essa conexão estende-se à preservação de heranças familiares e religiosas, bem como à apropriação crítica da língua espanhola, legado do período colonial. Tais matrizes identitárias são ressignificadas como dispositivos de denúncia e conscientização social, consolidando a literatura como um espaço de enunciação para sujeitos historicamente marginalizados. Portanto, as obras deles transcendem o rigor estético, configurando-se como uma escrita de enfrentamento pautada por ideários de justiça e pertencimento. Evidencia-se, portanto, que *El metro* e *No hay país para negros* não se restringem à ficcionalização de trajetórias individuais; ao contrário, projetam-se como narrativas de resistência coletiva que expõem a desumanização e a busca persistente pela reconstrução identitária de povos marcados por apagamentos históricos. Conforme defendido nesta análise, a literatura desses autores assume o papel de denúncia ética, confrontando tanto o legado colonial quanto as violências contemporâneas impostas aos sujeitos africanos em escala global.

Conclui-se, portanto, que as produções de Ndongo-Bidyogo e Kadzue empenham-se em sensibilizar o leitor quanto às lacunas e cicatrizes abertas pelo colonialismo, convertendo a linguagem em um condutor de reapropriação cultural e política. Suas narrativas transcendem o registro do exílio e da dor, afirmando, prioritariamente, a dignidade de povos que permanecem na reconstrução identitária e na reivindicação de seu protagonismo global. Nesse horizonte, a literatura afro-hispânica consolida-se como um dispositivo legítimo de salvaguarda da memória, resistência e transformação social.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Murielly Karla Diniz de Medeiros Macedo: escrita – rascunho original; conceitualização; metodologia; investigação; análise formal; curadoria de dados; escrita – revisão e edição; validação.

Rogério Mendes: conceitualização; curadoria de dados; metodologia; escrita – revisão e edição; validação.

## CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses a declarar.

## AGRADECIMENTOS

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/FELCS), Grupo de pesquisa Outras Literaturas Hispânicas (CNPq/UFRN), Narrar o Agora (CNPq/UERJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e *Revista Matraga* (UERJ).



## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KADZUE, Oscar Kem-mekah. **No hay país para negros**. España: Círculo Rojo, 2018.

KONÉ, Ténon. El barco como cronotopo en El metro de Donato Ndongo-Bidyogo. **Perífrasis: Revista de Literatura, Teoría y Crítica**, v. 6, n. 11, p. 37–51, 2015.

NDONGO-BIDYOGO, Donato. **El metro**. Madrid: Ediciones de la Torre, 2007.

NDONGO-BIDYOGO, Donato. De la inexistencia conceptual a la visibilización de las otras literaturas hispánicas. In: DÍAZ NARBONA, Inmaculada (Org.). **Literaturas hispanoafricanas: realidades y contextos**. Madrid: Verbum, 2015. p. 11-17.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **A África de língua espanhola: mais do que uma realidade, uma emergência**. Comunicação apresentada no II Seminário de Estudos Filológicos – SEF – Filologia e História: múltiplas possibilidades de estudo. Salvador: Quarteto, 2007. p. 103–112.

REGUERA, Gabriel Bello. **Emigracion y Ética. Humanizar y Desumanizar**. Madrid: Dilemata, 2011.